

CM

Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: *Frei J. J. Gonçalves da Silva* — ANO I — II Série — N.º 2 — 1 Janeiro 1994

CARTA ABERTA AOS JOVENS DO MEU BAIRRO

Era uma vez uma menina.

Menina pequenina, de caracóis. Calma, alegre, sensível, frágil, como todas as meninas pequeninas daquela idade.

Foi desejada, para completar uma família de pai, mãe e dois filhos.

Cresceu feliz e sem problemas. Praticou desporto, andou de bicicleta, de moto.

Tudo correu bem, até que um dia foi atirada para um bairro nos arredores de Lisboa, bairro de uma multidão sem identidade, sem raízes, que o não sentem como terra sua. Onde grupos de jovens procuram algo que não têm, a não ser os cafés onde se juntam e convivem, nem sempre num convívio são.

Experimentou o tabaco às escondidas, mais tarde as drogas leves e numa ânsia incontida de descoberta, as drogas pesadas.

E então toda a sua vida se modificou.

Deixou de ter interesse pelo estudo, pelo trabalho, afastou-se mais e mais da família, caiu em grupos de marginais onde cada vez mais foi perdendo a dignidade, a alegria e o desejo de viver.

Não pode haver maior dor para uma Mãe, que assistir impotente à degradação mortal e física de um filho, sem lhe poder valer.

Como eu gostaria de poder ir junto dos jovens para os avisar, um por um, de que estejam bem atentos para os perigos que hoje os espreitam em cada esquina.

Quantos milhares de jovens se debatem com problemas de drogas, imoralidade, doenças incuráveis, suicídio!

Jovem! Está alerta!

Não deixes que te roubem o bem mais precioso que é a alegria da tua juventude.

Bem hajas! □

A. R.



EDITORIAL

EDUCAÇÃO PARA A PAZ

A paz é possível. Porém, para convertê-la em experiência viva é necessário a criação de estruturas operativamente bem ajustadas que possam prover iniciativas de paz a curto e a médio prazo, para solucionar os problemas mais candentes, e criar novos espaços para uma nova compreensão do tecido social.

Ao longo dos séculos e, sobretudo, nos últimos decénios tem corrido muita tinta, quer dos pastores e responsáveis das Igrejas, quer das autoridades civis de todos os pontos do globo terrestre e, no entanto, a paz torna-se cada vez mais ausente.

O mundo em que vivem as pessoas é um mundo real, marcado pelo estigma da desordem, do desequilíbrio a todos os níveis.

A transformação deste "mundo cão" e a edificação de um mundo diferente, mais humano, é o que se chama o caminho da paz. Este caminho exige uma educação.

Educar o homem para ser mais homem, e educá-lo para a convivência e para a paz são condições indispensáveis da sua própria humanidade. Educar o homem para a paz implica educá-lo para a confiança num mesmo homem, na sua consciência, nas suas opções e decisões.

Educar para uma "cultura da não violência" é tarefa de todos.

Educar as consciências no respeito incondicional pela paz e pelas suas escolhas e opções é um serviço que se impõe a todo o ser humano.

Educar para a paz, não basta libertar as pessoas das coacções e opressões externas ou extrínsecas, é necessário capacitá-las para assumirem a sua própria liberdade.

Educação para a paz abrange todas as estruturas e actividades onde a pessoa humana exerce a sua acção: a família, escola, tempos livres, grupos, associações, a paróquia, numa palavra, toda a comunidade.

A educação para a paz é uma educação global.

É de realçar, no entanto, a escola e os meios de comunicação social como importantes veículos da formação dos agentes e construtores da paz.

A educação na escola deve apontar principalmente para o crescimento progressivo do ser, tornando-o mais rico em humanidade e mais aberto para escutar, para servir e para agir em favor dos outros, e não somente para tirar um "canudo".

No que se refere aos meios de comunicação, estes deverão educar para a tolerância, para a isenção, para o diálogo, para o discernimento crítico, para a colaboração e participação.

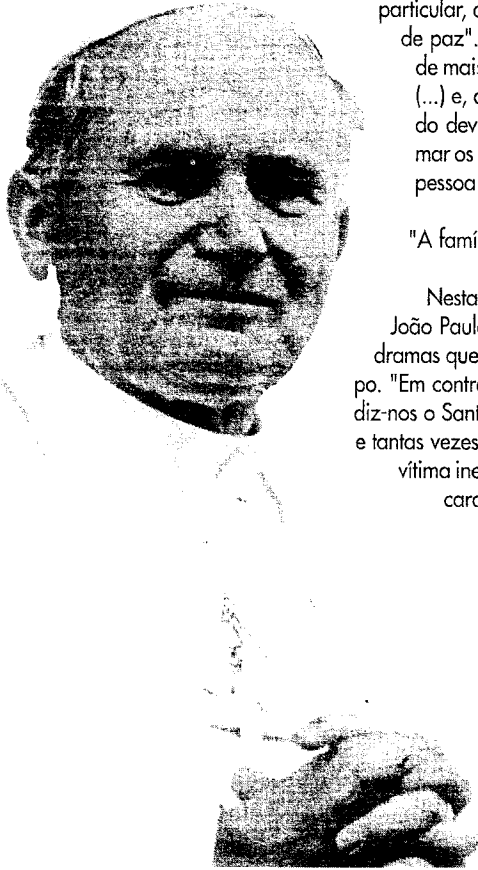
Por último, uma palavra sobre a família que é comunidade de vida e de amor, tantas vezes vítima de ausência de paz é chamada a ser protagonista da paz, é chamada ao serviço nobre da construção da paz. □

(Cfr. J. Paulo II - Mensagem para o Dia Mundial da Paz - 1 de Janeiro de 1994).

Frei J. J. Gonçalves da Silva

"Vós, filhos, lançados para o futuro com o ardor da vossa idade jovem, repleta de projectos e sonhos, apreciái o dom da família, preparai-vos para a responsabilidade de a construir ou promover, segundo a respectiva vocação, no amanhã que Deus vos conceder. Cultivai aspirações de bem e desígnios de paz."

Mensagem para o Dia Mundial da Paz do Papa João Paulo II



A mensagem para o Dia Mundial da Paz, do Papa João Paulo II, é um apelo dirigido a todos e, especial, à instituição familiar.

Ciente do facto de que "às vezes, a paz parece uma meta verdadeiramente inacessível", logo na introdução desta mensagem o Santo Padre nos transmite esperança escrevendo que esta paz, "apesar de tudo, é possível, porque inscrita no projecto divino original" no qual "a família permanece (...) o verdadeiro fundamento da sociedade, constituindo, como se diz na Declaração Universal dos Direitos do Homem, o seu núcleo natural e fundamental". Portanto, cabe-nos a todos "quantos intentam contribuir para a busca da verdadeira paz — Igrejas, Organismos Religiosos, Associações, Governos, Instâncias Internacionais — uma válida ocasião para estudarem juntos o modo de ajudar a família a cumprir plenamente a sua insubstituível missão de construtora da Paz."

"A família: comunidade de vida e de amor"

Concedendo à família um papel preponderante e fundamental na construção de uma sociedade pacífica e "baseada no amor", sem o qual "uma civilização de paz não é possível", João Paulo II acrescenta que "a família leva em si o

futuro mesmo da sociedade" e que "é tarefa sua muito particular, a de contribuir eficazmente para um futuro de paz". No entanto, "isso será conseguido, antes de mais, mediante o amor recíproco dos cônjuges (...) e, depois, através do adequado cumprimento do dever educativo, que empenha os pais a formar os filhos para o respeito da dignidade de cada pessoa e para os valores da paz".

"A família: vítima da ausência de paz"

Nesta mensagem para o Dia Mundial da Paz, João Paulo II não deixa de apontar os problemas e dramas que afligem muitas das famílias do nosso tempo. "Em contraste com a sua original vocação de paz", diz-nos o Santo Padre, "a família revela-se, infelizmente e tantas vezes, lugar de tensão e prepotência, ou então vítima inerte de numerosas formas de violência que caracterizam a sociedade actual". Muitas vezes as famílias são espelho de "tensões originadas por modelos de comportamento inspirados no hedonismo e no consumismo, que impelem os membros da família a buscar mais gratificações pessoais do que uma serena e diligente vida comum. Brigas frequentes entre os pais, recusa da prole, abandono e maus tratos de menores são os tristes sintomas de uma paz familiar já seriamente comprometida e que não pode ser restituída,

por certo, pela lamentável solução da separação dos cônjuges e, menos ainda, pelo recurso ao divórcio, verdadeira epidemia da sociedade actual."

João Paulo II lembra-nos ainda o triste e lamentável facto de numerosos homens e mulheres, crianças e adolescentes, em inúmeras regiões por esse mundo fora, viverem "imersas numa verdadeira e própria cultura da violência, onde a vida pouco conta e matar não parece imoral", e recorda-nos "a propósito disto, o sangrento conflito entre grupos étnicos que perdura ainda na Bósnia-Herzegovina (...) um caso entre tantos cenários de guerra espalhados pelo mundo".

"Outro sério obstáculo ao desenvolvimento da paz na nossa sociedade" é o facto de "multíssimas crianças viverem privadas do calor de uma família (...) e de não terem outra casa senão a es-trada"; não poderem por isso, "contar com qualquer outro recurso além de si mesmas" e serem, muitas vezes, "encaminhadas para o consumo ou mesmo o tráfico da droga, para a prostituição, e não raro acabarem nas organizações criminosas". Face a este cenário, João Paulo II não tem dúvidas em afirmar que "uma comunidade que rejeita as crianças, as marginaliza ou reduz a situações sem esperança jamais poderá conhecer a paz. (...) As crianças são o futuro já presente no meio de nós" e por isso "é necessário pode-

rem experimentar o que significa a paz, para serem capazes de criar um futuro de paz".

"A família: protagonista da paz"

Ainda nesta mensagem, importante se torna destacar o protagonismo efectivo que, no entender de João Paulo II, devem ter as famílias na construção da verdadeira paz. "A família é chamada a tomar-se protagonista activa da paz, graças aos valores que ela exprime e transmite no seu próprio seio" e pelo facto de ser "a instituição que corresponde, de modo mais imediato, à natureza do ser humano. (...) Núcleo originário da sociedade, a família tem direito a todo o apoio do Estado" sendo dever deste "encorajar e proteger a autêntica instituição familiar, respeitando a sua fisionomia natural e os seus direitos congénitos e inalienáveis", renegando por exemplo, "formas de união conjugal que pela sua intrínseca natureza ou intencional transitoriedade, não podem de modo algum exprimir o sentido e assegurar o bem da família". No entanto, o "dever do Estado não isenta o simples cidadão", pelo que "ninguém pode sentir-se tranquilo enquanto o problema da pobreza, que grassa sobre famílias e indivíduos, não tiver encontrado uma solução adequada".

"A família: ao serviço da paz"

No final da sua mensagem, João Paulo II faz um apelo directo, em particular às famílias cristãs, no qual chama cada um de nós a participar na construção de um mundo melhor, baseado na paz e no amor.

"Família, tens uma missão de primária importância: a de contribuir para a construção da paz, bem indispensável ao respeito e desenvolvimento da própria vida humana. Consciente de que a paz não se obtém duma vez para sempre, nunca te deves cansar de a procurar. Com a própria morte na cruz, Jesus deixou à humanidade a sua paz, assegurando a sua presença perene. Exige esta paz, reza por esta paz, trabalha por esta paz!

A vós, pais, compete a responsabilidade de formar e educar os filhos para serem pessoas de paz: para isso, sede vós mesmos, primeiro, construtores de paz.

Vós, filhos, lançados para o futuro com o ardor da vossa idade jovem, repleta de projectos e sonhos, apreciái o dom da família, preparai-vos para a responsabilidade de a construir ou promover, segundo a respectiva vocação, no amanhã que Deus vos conceder. Cultivai aspirações de bem e desígnios de paz.

Vós, os avós, que, com os outros membros da casa, representais na família laços insubstituíveis e preciosos entre as gerações, dai generosamente o vosso contributo de experiência e testemunho para ligar o passado ao futuro num presente de paz. Família, vive concorde e plenamente a tua missão". □

A PAZ É URGENTE

Todos comemos do mesmo pão: esse que ganhamos, cada um a seu modo, com o suor do rosto. Por isso, todos somos companheiros — partilhamos o mesmo pão. As palavras *companhia* e *comunhão* querem dizer a mesma coisa: comer do mesmo pão, estar em união. O Senhor Jesus ensinou que, antes de alguém partilhar o pão, deverá ver se está em conflito com alguém. E, se estiver, fará as pazes, antes de se aproximar da mesa onde está o pão. Em suma: a partilha do pão só se deve fazer em paz. A discórdia, a guerra, o conflito, tornam esse pão amargo.

No ritual da Comunhão da Missa, depois de rezado o Pai Nosso, a assembleia proclama outro rito, o da paz, propondo a promessa de Jesus aos homens todos: "Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz" (Jo. 14, 27). Todos os dias, na celebração dos mistérios fazemos esta promessa uns aos outros. Há séculos que a fazemos. Mas a realidade mostra-se inimiga do cumprimento dessa promessa.

Errar é próprio do homem, e temos errado demais. Corrigir é também próprio do homem, e temos, não obstante, corrigido de menos. Decorridos oitenta anos sobre o eclodir da Primeira Grande Guerra (1914), e apesar da Segunda Grande Guerra (1939) o mundo voltou atrás. A conjuntura internacional retomou as posições de 1914. Uma África lançada no abismo; uma Ásia insegura, com tendências hegemónicas na área económica; uma América do Norte em busca de novo poder mundial; uma América do Sul em conflito, há séculos incapaz de saber o que quer; enfim, uma Europa mediatizada em extremistas nacionalismos, em radicais fundamentalismos. E, de novo, as ameaças da xenofobia, do racismo, da cobiça do mando, do confronto de nações antigas com frustrados projectos hegemónicos. Ouvem-se tiros em todas as partes do mundo. Os governos são impotentes para satisfazer as reivindicações das minorias e das maiorias. Os fluxos migratórios de uns continentes para outros estabilizam os tecidos sociais. O mundo é um paiol que uma leve faúlha pode fazer explodir. Voltamos a sentar-nos no barril de pólvora. Há, enfim, quem queira mandar no mundo todo. Mandar no mundo que foi criado para todos sem excepção: para as criaturas do primeiro dia, do segundo dia, do terceiro dia, do quarto dia, do quinto dia, do sexto dia. Onde todos somos irmãos. As águas irmãs dos céus; os céus irmãs das pedras; as pedras irmãs das plantas; as plantas irmãs dos animais; os animais irmãs do homem; o homem irmão dos anjos; e, enfim todos irmãos, porque os filhos do mesmo pai são todos os filhos, quer tenham nascido primeiro, quer depois. Ah! Como seria bom entendermos isto, vivermos isto! Como estamos precisados de voltar a reflectir sobre o verdadeiro significado do imperativo "dominai a terra" (Gen. 1, 28). Dominar é usar, ou servir?

Para o mundo actual, é usar, abusar. À doutrina da paz opomos, cada vez mais, a vivência da guerra. Tudo é possível, agora.

Mas é ainda possível retomar a promessa: instaurar o mundo em Cristo, aceder à paz de Cristo. Dar o abraço fraternal uns aos outros. Escolher a amizade dos homens, mesmo que tenhamos de abandonar ambições. A paz é urgente.

A paz seja sempre connosco. □

Pinharanda Gomes

DEUS NOS AJUDE

"... que este dia se prolongue por muitos mais dias."

Chegámos finalmente a 1994. Olhando para trás, um outro ano se despede levando consigo momentos de grande alegria e júbilo, mas outros, também, de tristeza e sofrimento. Neste primeiro dia do ano, cabe-nos a todos uma reflexão maior e tendo sido este escolhido como dia da paz, é tempo mais que apropriado para meditarmos no assunto.

1993 foi um ano em que se viveu, em muitas partes desta nossa aldeia, períodos de grande violência e ódio, conduzindo os povos às mais diversas guerras. É impossível ficarmos insensíveis a estas situações. Todos temos presente nas nossas memórias essas indescritíveis imagens de guerra e violência espalhadas pelo mundo. São imagens de dor e sofrimento às quais devemos responder, começando por dar o exemplo com acções de paz e amor, quer nas nossas casas, quer nas relações entre uns e outros.

Esta mensagem de paz, que hoje se pretende transmitir, é urgente que se faça ouvir e cabe-nos a todos uma quota-parte nessa missão. O ódio, a violência e a guerra perduram no mundo e, se não formos nós a lutar contra isso, não tarda que essas tragédias se instalem no nosso meio. Para que se nos avive a memória aqui deixo uma lista de alguns dos países e regiões onde se vive e verificam mais incisivamente situações de conflito permanente: Irlanda do Norte, territórios da ex-Jugoslávia, Geórgia, Arménia, Afeganistão, Angola, Moçambique, África do Sul, Etiópia, Somália, Rhuanda, Libéria, Timor-Leste, Tibete, Israel, Palestina, Curdistão, Líbano, Camboja, Birmânia, Perú, Haiti, Guatemala, Nicarágua...

Muitos mais locais por esse mundo fora poderiam ter sido referidos, mas basta este quadro para nos apercebermos do quanto há a fazer. Para já uma mensagem aqui fica: começar a paz a partir de agora e fazer com que este dia se prolongue por muitos mais dias. Que Deus nos ajude e salve. □

António Barreiros

ANNE FRANK

Se o "Natal é quando um homem quis", eu quero que seja hoje. E porque é hoje que me apetece reviver a ternura do Presépio, também é hoje que me acode à memória, não o "Diário de Anne Frank", livro, mas o "Diário de Anne Frank", que, livro digerido e animado, vi em teatro, representado no Trindade, há um bom par de anos. Isto é, relembro o milagre da multiplicação das prendas, a alegria de, do quase nada, fazer tudo, a magia de transformar ausências em presenças, lágrimas em sorrisos. O ataque frontal à solidão. A felicidade do (re)nascimento.

Por outras palavras, Anne Frank a refrescar-nos a alma, a adoçar-nos a expressão, a reciclar o que dir-se-ia inútil.

Interpretada no mais puro sentimento natalício, a jovem Anne Frank apela e responde. Apela à solidariedade e responde a angústias. Em linguagem actual, de facto, não dá novo, recicla. Mas dá. E apela à dádiva, aos que nada têm, do que ficou por distribuir. É que há lares onde já nada mais pode ser reciclado. Ou onde nada (nunca) foi novo.

Jesus inspirou Anne Frank. E Anne Frank, que se me revelou no teatro, quer-se viva — como Presépio, que todos os dias o será (se quisermos). □

Marcial Alves

TRABALHO INFANTIL

Publicada a 15 de Dezembro de 1993, a última Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa debruça-se sobre o tema do trabalho infantil.

Começando por considerar os salários em atraso, o emprego precário, a falta de assistência social e o trabalho de crianças e adolescentes em idade escolar, coformas "atípicas" e "degradantes" de trabalho, esta Nota Pastoral denuncia ainda "a cumplicidade de patrões com poucos escrúpulos e de pais com recursos insuficientes" como razões que tornam "tal fenómeno, difícil de delimitar, de qualificar e de fiscalizar".

Segundo os bispos portugueses, o trabalho infantil tem as suas causas "na ganância do lucro fácil e na deficiente formação e instrução dos pais" e é o resultado de "um tipo de economia subterrânea" oculta e paralela, feita por empresários sem formação profissional, nem sensibilidade aos valores morais".

Para combater este flagelo a Conferência Episcopal propõe uma renovação do sistema de ensino Português, que neste momento se encontra desfazado das "competências requeridas pelo mercado de trabalho". Apela, por isso, à revisão dos programas e à qualidade do ensino em Portugal, bem como à criação de um subsídio que estimule as famílias com poucos recursos.

Em relação à acção da Igreja, propriamente dita, os bispos convidam as paróquias a empenhar-se na formação dos pais e a dar uma especial atenção à ocupação dos tempos livres das crianças e dos adolescentes. □

A. B.

"VERITATIS SPLENDOR"

A nova encíclica do Papa João Paulo II, "Veritatis Splendor", publicada a 6 de Agosto de 1993, pretende abordar o tema da chamada moral fundamental.

Encontra-se dividida em três densos capítulos em que no primeiro introduz o tema central da obra; no segundo, intitulado "Não vos conformeis com a mentalidade deste mundo", refere-se à Igreja e ao discernimento de algumas tendências da teologia moral actual; e no terceiro propõe uma conclusão ou reflexão necessária para se aceitar e entender a doutrina nela implícita.

Esta nova encíclica, tida como uma dura resposta contra o relativismo ético e moral das sociedades contemporâneas, declara a necessidade absoluta e urgente da concretização e defesa dos princípios morais da Igreja Católica e da aproximação à Verdade, alcançável através da revelação, da ponte estendida por Deus para os homens, através de Cristo e da Igreja.

Em conclusão, "Veritatis Splendor" recorda-nos que porque Deus existe, só Deus é o bem absoluto e só em Deus e por Deus há o conhecimento do esplendor da verdade, do bem e do mal, e que, portanto, a autonomia do homem e da sua razão, com recusa de qualquer relação com Deus, com o transcendente, é inadmissível, considerando também, e para além disso, indissociável a vida moral da fé que se professa e vice-versa.

Todas estas questões são, pois, em suma, o ponto base a partir do qual João Paulo II lança o seu olhar e sobre ele realiza o texto contido nesta sua mais recente encíclica. □

A. B.

AGENDA

VAMOS CANTAR AS JANEIRAS

2.ª feira:

21.00 H - Torres da Bela Vista - Centro Comercial Planalto

21.30 H - Cidade Nova - C. Comercial

22.00 H - Extremo Norte Cidade Nova.

3.ª feira:

21.00 H - Pct. Marq. Castelo Melhor (alto da Esc. Primária)

21.30 H - R. Bela-Vista (Café Shalom)

22.00 H - Escola Primária da Flamengo.

4.ª feira:

21.00 H - Torres de Santo André (Centro Comercial Flamingos)

21.30 H - Largo D. Miguel

22.00 H - Romeira (C. Comercial St.º Ant.º Cavaleiros).

5.ª feira:

21.00 H - Cruzamento da R. Vitorino Froes / R. Carlos Relvas / R. António Luís Lopes (junto ao Gás)

21.30 H - Pct. Bento Araújo.

6 DE JANEIRO

21.30 H - Ulreia dos Cursilhos de Crisandade.

7 DE JANEIRO

21.30 H - Adoração dos Santíssimo.

9 DE JANEIRO

11.30 H - Reunião de Catequistas.

14 DE JANEIRO

21.30 H - Formação de Adultos - "Com base no Catecismo da Igreja Católica".

15 DE JANEIRO

16.30 H - Reunião da Confraria de Nossa Senhora do Carmo.

RESUMO DAS LEITURAS DOMINICAIS

2 DE JANEIRO — EPIFANIA DO SENHOR

"Vimos a sua estrela... e viemos..." — Mt. 2,2

1.ª Leitura: Is. 60,1-6

Jerusalém, levanta-te que a luz desponta e já a glória está em ti.

2.ª Leitura: Ef. 3,2s-5s

Vai cumprir-se a promessa.

Vai Jesus revelar o Mistério que há em Si.

3.ª Leitura: Mt. 2,1-12

Ele é Deus. E assumindo a humanidade revela-Se na Sua divindade.

9 DE JANEIRO — BAPTISMO DO SENHOR

"Em ti pus todo o meu enlevo" — Mc. 1,11

1.ª Leitura: Is. 42,1-4.6s

Eis o Meu Servo.

Os olhos vai abrir aos cegos e a prisão aos oprimidos.

2.ª Leitura: Act. 10,34-38

Eis o Meu Servo, a Quem eu vou ungir

Co' o Espírito p'ra serdes redimidos.

3.ª Leitura: Mc. 1,9-11

Este é o Cristo,

o Filho muito amado de Deus, que Se vê nele deleitado.



Coordenador:
Marcial Alves
Colaboradores:
A. R.
António Barreiros
Eulídes Ferreira
Pinharanda Gomes
Ana Amaro Nunes

Propriedade:
FÁBRICA DA IGREJA
PAROQUIAL DE SANTO
ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
Morada: Av. Francisco Pacheco
2670 LOURES - Tel.: 988 43 66

Composição e Montagem:
ESTÚDIO 1B - Prod. Gráficas, Lda.
Impressão:
OLEGÁRIO FERNANDES, S.A.
Tiragem: 3000 Exemplos
Publicação quinzenal